

KATRINE GRACIELLE SIQUEIRA DE SOUZA

**CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR NAS INTERAÇÕES SOCIAIS
DA CRIANÇA:**

Revisão de Literatura

BELO HORIZONTE

2010

KATRINE GRACIELLE SIQUEIRA DE SOUZA

**CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR NAS INTERAÇÕES SOCIAIS
DA CRIANÇA:**

Revisão de Literatura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Terapia Ocupacional da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Terapia Ocupacional com Ênfase no Desenvolvimento Infantil.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Bastos Rezende.

BELO HORIZONTE

2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor(a): _____

Título: _____

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado

em ____/____/____,

Orientador ou Orientadora:

Assinatura: _____

Nome/Instituição: _____

Avaliador ou Avaliadora:

Assinatura: _____

Nome/Instituição: _____

Coordenador Geral da Comissão Colegiada do Curso de
Pós-Graduação Lato Senso “Especialização em Terapia
Ocupacional” da UFMG

Dedico aos meus familiares e amigos
que acreditaram no meu potencial.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por ter conseguido finalizar mais essa etapa.

A minha família, pelo apoio e por acreditarem em mim.

Aos amigos da Terra e aos amigos do céu pela torcida e incentivo.

A orientadora Márcia Bastos por compartilhar seus conhecimentos para realização deste trabalho.

Aos meus amigos da pós Camila, Carol, Julie, Kelly, Renatinha e a todos os outros pelo carinho, amizade, acolhida, paciência, pelas risadas, conselhos e trocas de experiências. Obrigada por todos os momentos que jamais serão esquecidos! Foram únicos! Amo todas vocês!

Obrigada a todos!

"O brincar não é um sonho, é aprendizado do mundo, do outro e da relação (...). É brincando que se deve entrar na vida"

(Caffari-Viallon, 1988)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo, investigar a contribuição do brincar nas interações sociais da criança. Foi realizada revisão da literatura no período de julho a agosto de 2010 por meio da busca eletrônica de artigos científicos indexados nas seguintes bases de dados: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scielo, Bireme e PubMed. Os critérios de inclusão foram artigos publicados no período de 2000 a 2010. Os critérios de exclusão para essa revisão foram artigos de revisão bibliográfica, artigos publicados no idioma inglês e artigos publicados antes de 2000. Dos artigos encontrados, nove preencheram os critérios de inclusão. A análise apontou que existem fatores como o ambiente, o gênero e a faixa etária que podem interferir na interação social. Concluiu-se que apesar da característica das amostras dos artigos variarem bastante o brincar pode contribuir para que ocorra interação social entre crianças, ambientes e até mesmo objetos.

Palavras-Chave: Brincar; Brincadeiras; Brinquedos; Interação Social; Criança

ABSTRACT

The aim of the present study was to investigate the contribution play to social interactions in children. A literature review considering the period of July to August 2010 was performed through electronic search of scientific articles indexed in the following databases: Latin American and Caribbean Health Sciences (LILACS), SciELO, PubMed and BIREME. The inclusion criteria were articles published during the period 2000 to 2010. The exclusion criteria for this review were, articles published in English and articles published before 2000. Of the articles found, nine fulfilled the inclusion criteria. The analysis showed that there are factors such as environment, gender and age group that can interfere with social interaction. It was concluded that despite the characteristic of the samples in the articles varied widely, play can contribute to social interaction between children, environments and even objects.

Key words: Play, joke, playthings, social interaction, child.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA.....	13
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

1 INTRODUÇÃO

O brincar é a atividade predominante na infância e vem sendo explorado no campo científico, com o intuito de caracterizar as suas peculiaridades, identificar as suas relações com o desenvolvimento e com a saúde (CORDAZZO; VIEIRA, 2007). O termo brincar, ainda é muito discutido por diversos autores, sendo que a definição do brincar não é unânime entre os pesquisadores que, apesar de apresentarem diferentes interesses e perspectivas, não discordam sobre a importância do ato para as crianças. Segundo American Occupational Therapy Association (AOTA, 2008) o brincar é qualquer atividade espontânea e organizada que proporciona prazer, entretenimento e diversão. Para Junqueira (2003), o brincar é essencial ao desenvolvimento infantil e deve ser proporcionado em qualquer momento do seu desenvolvimento, independente do contexto.

O brincar é considerado como uma das atividades que mais contribuem para a promoção do desenvolvimento intelectual, social, emocional e físico das crianças (CAMPOS; FRANCISCHINI, 2003). Segundo Guimarães et al. (2002), o brincar quando utilizado de maneira saudável, adaptado as limitações da criança e de forma adequada, pode auxiliar na aquisição e/ou melhora das habilidades e minimizar os impactos das limitações das crianças em seu cotidiano.

Para Abramowicz e Wajskop (1995) o brincar fornece a criança a possibilidade de construir uma identidade autônoma, cooperativa e criativa. A criança que brinca adentra o mundo do trabalho, da cultura e dos afetos pela via de representação e da experimentação. Por meio do brincar, a criança vivencia situações prazerosas, aprende e compreende o mundo ao seu redor, adquire regras, princípios morais e sociais, desenvolve criatividade, autonomia, capacidade para resolução de problemas, melhora auto estima e desenvolve aspectos psicomotores, além de outros aspectos importantes para o seu desenvolvimento (FERLAND, 2006). É pelo brincar que a criança inicia seu autoconhecimento, exercita suas potencialidades e pode reviver circunstâncias que lhe causaram excitação, alegria, ansiedade, medo ou raiva (PEDRO et al., 2007).

Winnicott (1975) considera o brincar uma área intermediária de experimentação para o qual contribuem a realidade interna e externa. São estas realidades que promovem a relação entre o que é pessoal e o que é do grupo, fazendo com que a criança se perceba como um ser no mundo

em que vive. Sendo assim, o brincar promove a interação entre os interesses pessoais e sociais, sendo considerado não somente como fonte de saúde e crescimento, do ponto de vista biológico, mas também aquele que favorece a socialização e que dá prazer às pessoas.

A atividade de brincar possibilita à criança se relacionar com os outros. Ela poderia se divertir sozinha com o brinquedo, porém, o fato de serem duas, permite que elas dividam os brinquedos, se comuniquem entre si e levem em conta a opinião do outro. Brincando, a criança aprende a interagir com objetos e com as pessoas (FERLAND, 2006). As crianças tentam descobrir em suas relações sociais, conexões e respostas, criando suas próprias hipóteses e envolvendo outras crianças em suas investigações. Durante todo o tempo, elas revelam a sua maneira de ver o mundo e a sua capacidade de interagir com o outro, constroem suas brincadeiras recortando pequenas ações das outras, ajustando-se a elas, seja repetindo-as integralmente ou parcialmente, acrescentando-lhes algo, ou até substituindo parte delas e regulando-se continuamente pelo confronto com as ações dos parceiros e com o efeito de suas próprias ações (PEDROSA; CARVALHO, 1995).

Parten (1932) propõe a classificação das interações sociais em cinco categorias, desocupado, solitário, paralelo, associativo e cooperativo, desta forma:

- Desocupado é quando a criança, aparentemente não está “fazendo nada” e geralmente ocupam-se em olhar outras crianças brincando.
- Solitário é quando a criança brinca sozinha e independentemente, se distanciando ou não fazendo esforço para aproximação de outra criança.
- Paralelo é quando a criança brinca independentemente, porém com atividades relacionadas às das outras crianças. Não há intenção de influenciar a brincadeira uma das outras. Elas brincam lado a lado e não com outras crianças.
- Associativo é quando a criança brinca com outras crianças, elas conversam sobre temas comuns da atividade e trocando brinquedos. Não há subordinação de interesses e cada criança participa do grupo segundo seus interesses e vontades.
- Cooperativo ocorre quando a criança assume um comportamento de ajuda ao outro, a partir de um estímulo de assistência ou pela possibilidade de se obter alguma recompensa. Assim, este estado interacional é dependente da habilidade de uma criança em compreender o ponto de vista de outra criança ou adulto, exigindo para tal, certo nível de maturidade ou influência pedagógica.

Pode-se dizer que, na interação e nas relações entre si, as crianças exercem a capacidade humana de transmissão e criação de cultura, e, através dela, repetem e renovam o processo de constituição do ser humano como indivíduo e como membro de um grupo, um processo que só é possível pela interação social (CARVALHO; BERALDO, 1989).

Com base em ações sobre os objetos que usa para brincar, a criança passa a ter consciência dos mesmos, a se relacionar ativamente com eles, a imitar situações do mundo adulto, criando um mundo de faz-de-conta, o qual norteia as suas experiências. As situações abstratas de mundo que ela cria proporcionam um meio para o desenvolvimento do pensamento e a constituição dos comportamentos (DOMINGUES; MOTTI; PALAMIN, 2008).

É importante ressaltar que existem vários fatores que influenciam o brincar e as interações sociais, entre eles, o tipo e a quantidade de brinquedo, o espaço disponível para essa atividade, a cultura e o contexto de cada criança (SARGER et al., 2003). As brincadeiras assumem diferentes formas, conforme o mundo em que a criança vive, no mundo do trabalho, nas relações com a vizinhança ou nas práticas educativas formais, como escola e creche, influenciando assim, o comportamento das mais variadas populações (MARTINS; SZYMANSKI, 2006). Segundo Sager et. al (2003), os tipos de brinquedos e brincadeiras, o ambiente escolar, particularmente os pátios, influenciam de maneira significativa a interação das crianças. Os locais maiores favorecem o estabelecimento de interações mais variadas entre as crianças o que permite maior fluidez de suas interações em relação ao ambiente físico.

Para Teixeira e Alves (2008), ao brincar, a criança imita os papéis sociais presentes nas atividades de seu grupo cultural, mas ao mesmo tempo os reinterpreta de acordo com os seus significados pessoais. Neste sentido, a compreensão dos textos criados pelas crianças em suas brincadeiras requer um conhecimento do contexto onde eles são produzidos. Os temas, os parceiros, os locais, os objetos e os significados construídos e transmitidos durante as brincadeiras estão todos relacionados à vivência cotidiana e a identidade cultural.

Portanto, o brincar é uma rica atividade, que pode ser explorada proporcionando meio de desenvolvimento das habilidades sociais para crianças de maneira geral, paralelamente, a motivação da criança é guiada pelo interesse e necessidade de apropriar-se de um universo do qual ela quer fazer parte (DOMINGUES; MOTTI; PALAMIN, 2008). É interagindo com os outros, com o ambiente e dando função aos objetos e brinquedos e explorando-os que a criança

desenvolve suas capacidades, edifica etapas de aprendizagem e entra em contato com a realidade (MAIA, 1996).

Sendo assim, este estudo tem como objetivo investigar qual a contribuição do brincar nas interações sociais da criança na literatura mais recente.

2 METODOLOGIA

Foi realizada busca na literatura no período de julho a agosto de 2010 por meio da busca eletrônica de artigos científicos indexados nas seguintes bases de dados: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scielo, Bireme e PubMed. Esta busca priorizou estudos publicados sobre a contribuição do brincar para as interações sociais da criança. Os descritores utilizados foram: brincar, brinquedo, brincadeiras, interação social e criança com cruzamentos entre elas em português.

Os critérios de inclusão foram artigos publicados no período de 2000 a 2010, publicados no idioma português, artigos focados no tema. Os critérios de exclusão para essa revisão foram: artigos de revisão bibliográfica, artigos publicados no idioma inglês e artigos publicados antes de 2000.

A busca eletrônica inicial resultou em um número aproximado de 545 artigos. Foram selecionados 117 artigos com títulos aparentemente pertinentes, dentre esses, 47 artigos foram selecionados após a leitura dos resumos. Ao final, a seleção foi realizada mediante leitura completa de cada artigo, sendo escolhidos 9 artigos como material de análise para este estudo de revisão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados são apresentados no Quadro 1, que contém: autor (s), participantes, protocolo de coleta de dados, desfechos avaliados e descrição dos resultados. Os trabalhos serão apresentados em ordem cronológica de publicação.

QUADRO 1

Quadro de referências de revisão da literatura

Autores	Participantes	Protocolo de Coleta de Dados	Objetivos	Descrição dos Resultados
TERZIS, A. (2005)	Sete crianças que apresentam comportamento de isolamento, pouco comunicativas, com desordem nos hábitos, retraídas e agressivas em geral. Idades: entre quatro e seis anos.	Observação das crianças por meio da técnica da “pequena mesa”	Descrever e compreender as atividades lúdicas das crianças dentro das sessões de psicoterapia grupal.	Os processos de vínculo nesse grupo de crianças foram desenvolvidos tanto no nível concreto quanto verbal. Nas primeiras sessões as brincadeiras eram individuais e Centradas. Logo iniciou o tipo de brincadeira paralela que prosseguiu até as
COSTA JUNIOR, A. L.; COUTINHO, S. M. G.; FERREIRA, R. S. (2006)	Noventa e uma criança e adolescentes, em tratamento de câncer em uma unidade hospitalar da rede pública de saúde do Distrito Federal. Idades: de dois a seis anos, de sete a doze anos e acima de 12 anos.	Ficha de registro de comportamentos com coleta de dados sócio-demográficos, atividade desenvolvidas, objetivo da atividade, repertório comportamental de cada participante, com registro de frequência de ocorrências de iniciativa,	Investigar os efeitos de um programa de recreação planejada em sala de espera hospitalar sobre o repertório de comportamentos de crianças e adolescentes em tratamento de câncer.	Após o acúmulo de sessões de recreação planejada, observa-se uma tendência ao aumento da probabilidade da participação das crianças e dos adolescentes, independente da idade. Entre as categorias de comportamento que

Autores	Participantes	Protocolo de Coleta de Dados	Objetivos	Descrição dos Resultados
LORDELO, E., R.; CARVALHO, A., M., A. (2006)	Sessenta e duas crianças de creches públicas e privadas. Idades: de um a três anos.	interação social, comportamento verbal e interesse demonstrado.	Descrever os padrões de parceria social e os tipos de brincadeira mais frequentes em diferentes tipos de creches	apresentaram maiores aumento de frequência ao longo do tempo, destaca-se a iniciativa das crianças nas atividades propostas. Comportamentos de interação social entre as crianças também foram observados.
		Observação das crianças nas creches, em seus ambientes cotidianos de brincadeiras.		Em relação ao gênero, os meninos tendem a brincar mais sozinhos do que as meninas. As crianças de um a dois anos apresentam mais brincadeiras individuais do que os mais velhos que apresentam mais tendência a grupos independentes. Nas creches privadas ocorrem mais os grupos acidentais, que são formados por interferência direta dos adultos, enquanto nas creches públicas os grupos independentes são mais frequentes.
PINTO, G. U.; GÓES, M. C. R. (2006)	Doze crianças que frequentavam instituição especial. Idades: entre quatro e seis anos.	Gravação de vídeos das sessões de brincadeiras livre em atividades desvinculadas da rotina de sala de aula.	Analisar a relação entre os modos de mediação por outros (adulto ou parceiro) e o funcionamento imaginativo no jogo imaginário das crianças.	As crianças, quando deixadas com seus próprios recursos, apresentam uma baixa disposição a entrar em brincadeiras coletivas e a compartilhar de diálogos.

Autores	Participantes	Protocolo de Coleta de Dados	Objetivos	Descrição dos Resultados
FREIRE, J. B.; SANTANA, G. M. L. (2007)	Vinte e seis crianças matriculadas em uma creche da rede municipal. Idades: entre quatro e cinco anos.	Pesquisa-ação com base empírica e diário de campo.	Analisar os tipos de relações estabelecidas no desenvolvimento da imaginação por meio de jogos.	No entanto, quando as oferecia mediação, jogos mais elaborados e o engajamento das crianças em situações imaginárias complexas eram desenvolvidos.
SOUZA, C., M.; BATISTA, C., G. (2008)	Nove crianças com diagnóstico de deficiência visual. Idades: entre quatro e doze anos.	As crianças divididas em grupos I e grupo II foram observadas em situações de brincadeiras. Atuavam no grupo uma docente e duas aprimorandas e uma mestranda, que se revezavam na intervenção e registro em vídeo de todas as sessões, além do diário de campo no qual eram realizadas anotações relevantes de cada sessão.	Observar e analisar o papel dos parceiros no desenvolvimento dessas crianças em contexto lúdico.	Observou-se que crianças com menor faixa etária tendem a brincar sozinhas ao contrário de crianças maiores que desenvolvem atividades mais complexas. As atividades individuais que predominaram, foram mediadas por adultos e em alguns casos envolveram a participação dos parceiros.
FERNANDES, O. S.; ELALI, G. A. (2008)	Dezesseis crianças. Idades entre três e sete anos.	Mapeamento comportamental através de observação sistemática.	Investigar a utilização das diferentes áreas do pátio de uma escola para a educação infantil e analisar os comportamentos de interação entre as crianças nesses locais.	As brincadeiras que predominaram entre as crianças, foram atividades amigáveis, associativas e em grupos. Existem alguns fatores que podem influenciar a utilização dos espaços.

Autores	Participantes	Protocolo de Coleta de Dados	Objetivos	Descrição dos Resultados
				<p>Quanto ao gênero, os meninos exploram maior parte do espaço e realizam atividades mais variadas, em relação à faixa etária, as crianças mais novas tendem a explorar os objetos e ambientes mais próximos dos adultos.</p> <p>Quanto ao ambiente, as brincadeiras ocorrem preferencialmente nos setores que dispõem de equipamentos para múltiplas atividades, área livre e sombreada, quadra de esportes e espaços com elementos pintados no chão.</p>

De forma geral, os artigos descritos no Quadro 1 descrevem estratégias utilizando o brincar e as brincadeiras durante a infância que podem contribuir para o desenvolvimento infantil, em específico, possibilitar a interação social entre crianças e ambientes.

O brincar é universal e possui caráter específico, de modo que o ritmo da brincadeira, sua dinâmica e suas regras ajustam-se as condições onde ocorre. As brincadeiras possuem características que facilitam as interações sociais. De maneira geral, a brincadeira pressupõe relação social e interação, permite a formação de atitudes, a compreensão de valores, respeito às regras, experiência de competir e colaborar, entre outras (MERIZIO; ROSSETTI, 2008).

Segundo Talocka e Brollo (2010), jogos e brincadeiras na escola podem contribuir significativamente para a evolução das relações interpessoais das crianças. Quando se oferece um programa de vivências lúdicas, e modifica-se um pouco a rotina das crianças nas escolas, é possível verificar que o convívio das crianças entre si, com outros objetos e espaços é ampliado. No início de seu estudo Talocka e Brollo (2010), observaram poucas relações interpessoais que se alteravam durante as aulas, passando de uma simples observação para participação conjunta em atividades (díades, tríades de observação e participação conjunta), entre outras inter-relações que foram surgindo e evoluindo. Os jogos oferecidos durante as aulas e no evento lúdico proporcionaram a manifestação de emoções básicas no ser humano, como alegria, tristeza, raiva, surpresa e medo, mostrando ser o jogo um espaço para que a criança possa vivenciar e aprender a controlar suas emoções ao mesmo tempo em que constrói relacionamentos interpessoais.

Outra característica de interação observada para iniciar-se na brincadeira, foi a de engajar-se na atividade a convite dos colegas, que, na maioria das vezes, eram observados como líderes, demonstraram situações positivas, geradoras, o que auxiliou na evolução das interações, propiciando também laços afetivos positivos na relação. Portanto, o que se observa é que a introdução de jogos e brincadeiras na escola pode contribuir de maneira significativa para e na evolução das relações interpessoais destas crianças, as possibilitar a criação de um espaço para que elas possam realizar as atividades que lhe proporcionam prazer e dessa maneira, queiram convidar outras crianças para brincar, interagir e criar vínculos (TALOCKA E BROLLO, 2010).

No estudo realizado por Freire e Santana (2007) em creches da rede municipal, foi possível observar nas relações estabelecidas entre as crianças um avanço na questão de organização do grupo e divisão do material. A partir dessa organização pode-se perceber como surgem as lideranças, as parcerias e a colaboração uns com os outros. Porém, as situações de

liderança assumidas por algumas crianças não eram muito frequentes. As crianças que se desatacavam assumiam iniciativas e tomavam decisões, mas em alguns casos, isso não surtiu efeito positivo no grupo, como no estudo anterior, ao contrário disso, a criança queria mandar na brincadeira, impedindo que outras crianças participassem com suas idéias e serem elas mesmas (FREIRE; SANTANA, 2007).

As situações de parcerias e colaborações foram muito intensas no estudo de Freire e Santana (2007), demonstrando que durante todo o tempo, as crianças interagiam, construíam laços de convivência, procuravam afinidades e, como no estudo de Talocka e Brollo (2005), buscavam outras crianças para elaborar seus enredos e brincadeiras. Essas ligações de afinidade decorriam das interações mediante suas ações na brincadeira. Os jogos seriam inviáveis sem a colaboração dos participantes, as crianças de quatro a cinco anos, interagiam, conversavam sobre o que estavam fazendo, formavam duplas e se ajudavam mutuamente para concluírem a atividade ou realizarem a brincadeira. Apesar de poucas situações de desacordos, eram nesses momentos que as crianças aprendiam a lidar com o outro, interagiam, conversavam, conviviam com as diferenças de sentimentos e aprendiam a lidar melhor com suas emoções. Para Freire e Santana (2007), as crianças quando brincam ao mesmo tempo em que desenvolvem sua imaginação, podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência.

Lordelo e Carvalho (2006) realizaram seus estudos em creches públicas e privadas visando descrever os padrões de parceria social e os tipos de brincadeiras em diferentes tipos de creches entre crianças de um ano a três anos. Encontrou-se diferença significativa na categoria brincadeira individual em relação ao gênero, pois, os meninos foram observados brincando sozinhos mais vezes que as meninas. Em relação à faixa etária, as crianças de um a dois anos brincam mais individualmente do que as mais velhas, enquanto as mais velhas se envolvem mais no grupo independente, que se resume em um grupo identificável de crianças, com exclusão de outras do que as crianças.

Observou-se nas creches privadas, que devido ao menor número de crianças e maior intervenção do adulto, as crianças se reúnem não por escolha própria (grupo acidental) e sim por intervenção direta de um adulto, ao contrário do que acontece na creche pública, onde envolve um grupo identificável de crianças que, na maioria das vezes, se encontra separado dos adultos (grupo independente). Lordelo e Carvalho (2006) observaram também que, mesmo quando as crianças brincavam paralelamente, sem a coordenação de ações, havia uma orientação social: a

criança ocasionalmente olhava a outra e observava suas ações, podendo em seguida mudar sua atividade ou forma de brincadeira em decorrência delas. Portanto, apesar das diferenças identificadas nos ambientes, as crianças brincam e interagem entre si (LORDELO; CARVALHO, 2006).

De acordo com o estudo de Souza e Batista (2008), o exame das transcrições e de episódios selecionados, bem como das notas do Diário de Campo, indicaram, para o grupo I, constituído por crianças entre 4 e 6 anos, que brincavam predominantemente de forma isolada, houve um predomínio de ações individuais, mediadas pelo adulto, e algumas instâncias de ação envolvendo a participação do parceiro. Ao contrário do grupo II que era constituído por crianças de 7 a 12 anos. Essas crianças estavam matriculadas em escola regular ou especial e apresentavam dificuldades de aprendizagem, nesse grupo foi observado o predomínio de interações mais complexas, envolvendo partilhas, ações conjuntas, construção de cenas e disputas. Os dados observados são semelhantes ao estudo de Lordelo e Carvalho (2006), que descreveram como um das características principais, a ação individual com brinquedos. Observou-se também nos dois estudos que quanto menor a faixa etária, as crianças brincam mais sozinhas e com o aumento da idade as brincadeiras mais complexas, de parceria, se tornam mais frequentes. Assim, o modo individual, de fato, referiu-se a situações em que a interação predominante foi com o adulto, e não com os parceiros.

Quanto aos modos de brincar, foi possível identificar momentos em que as crianças se mostraram sensíveis à presença das outras crianças, embora não em atuação compartilhada, essa situação é caracterizada por momentos em que a atividade da criança é influenciada pela observação do outro, com alguma forma de ação conjunta, semelhante ao estudo de Lordelo e Carvalho (2006) que observaram que, mesmo quando as crianças brincavam paralelamente, sem a coordenação de ações, havia uma orientação social: a criança ocasionalmente olhava a outra e observava suas ações, podendo em seguida mudar sua atividade ou forma de brincadeira em decorrência da observação do outro (SOUZA; BATISTA, 2008).

Observou-se, também, que ambiente de brincadeira livre de exigências quanto ao desempenho, favoreceu a manifestação de habilidades geralmente subestimadas nessas crianças, relacionadas à construção e sustentação de diálogos coerentes e com certo grau de complexidade. Além disso, situação de brincadeira livre se tornou um espaço favorável para que as crianças com deficiências estabelecessem e sustentassem interação com seus parceiros, semelhante as crianças

com desenvolvimento típico (SOUZA; BATISTA, 2008).

Assim como o estudo de Talocka e Brollo (2010), Fernandes e Elali (2008) também realizaram seu estudo em uma instituição de educação infantil, porém buscaram investigar a interação entre as crianças nas várias áreas de um pátio escolar. O estudo identificou fatores que influenciam a interação social entre as crianças, sendo eles, ambiente, gênero e faixa etária.

A socialização mais intensa e as brincadeiras em grupos, consideradas atividades associativas amigáveis, predominam nos setores que apresentam área livre, sombreada com pouca insolação direta, espaço com elementos pintados no chão e que dispunham de equipamentos para diversas atividades. Em uma outra pesquisa realizada por Merizio e Rossetti (2008), as áreas ao ar livre também foram apontadas como locais propícios a formação de amizades e ao cultivo de relações sociais.

Em relação ao gênero, os meninos utilizam e exploram uma maior parte do pátio e realizam atividades mais variadas, mas, em termo de durabilidade, os grupos dos meninos se separavam com mais frequência que o das meninas, que permaneciam em grupos mais consolidados e dedicavam mais tempo as brincadeiras (FERNANDES; ELALI, 2008).

Quanto à faixa etária, as crianças de três anos apresentaram atitudes mais exploratórias, mas sempre se mantendo próximo a um adulto. As crianças de quatro anos exploraram o ambiente, demonstraram maior familiaridade com o local e se desligaram da presença do adulto. Crianças de cinco e seis anos se concentraram mais em jogos, atividades associativas e permaneceram por mais tempo num mesmo local. Esse estudo revelou que as características do ambiente e as características individuais de cada criança promovem o intercambio necessário para o desenvolvimento infantil (FERNANDES; ELALI, 2008). Os fatores identificados nesse estudo que podem influenciar a interação social entre as crianças, são os mesmo mencionados no estudo realizado por Lordelo e Carvalho (2006).

Ao contrário de Fernandes e Elali (2008), Terzis (2005) desenvolveu seu estudo dentro de uma sala ampla onde se realizava os atendimentos do grupo de atividades com sete crianças entre quatro e seis anos, sendo a mesma faixa etária utilizada no estudo de Talocka e Brollo (2010). No início das sessões de psicoterapia realizadas por Terzis (2005), a brincadeira era individual, mas logo as crianças começaram a observar o que as demais estavam fazendo, mas a brincadeira paralela predominou por um bom tempo, até que as crianças começaram a relacionar entre si. Nas primeiras sessões não existia um diálogo entre as crianças, a linguagem era

substituída pela atividade motora, depois começaram a trocar brinquedos entre si e posteriormente iniciou a formação de grupos, semelhante aos outros estudos apresentados. Observou-se uma modificação na qualidade da comunicação, cada criança começou a contribuir de uma forma na brincadeira, o grupo se tornou um elemento organizador das relações sociais dessas crianças, permitiu o contato das crianças entre si e com o grupo, possibilitou momentos para que eles aprendessem a lidar com dificuldades e emoções como ocorreu no estudo de Freire e Santana (2007).

Para Terzis (2005) o brincar foi utilizado como um meio de comunicação no grupo, um facilitador para as relações mais íntimas entre os participantes, favoreceu a capacidade de criar, expressar desejos, fantasias e sentimentos. O estudo de Costa Junior, Coutinho e Ferreira (2006), semelhante ao estudo desenvolvido por Terzis (2005), foi realizado em uma sala de espera, portanto diferencia-se do mesmo, pois os participantes desfrutavam de livre acesso, podendo sair ou entrar quando desejassem e o tamanho da amostra também foi relativamente maior, sendo que noventa e uma crianças e adolescentes participaram desse estudo enquanto apenas sete participaram do estudo de Terzis (2005).

Visando investigar os efeitos de um programa de recreação planejada em sala de espera hospitalar sobre o repertório de comportamento de crianças e adolescentes em tratamento de câncer, os dados coletados permitiram apontar, que com o aumento das sessões de recreação, os participantes apresentaram maior iniciativa em se dirigir a outro paciente ou brinquedo. Aumentou a comunicação entre os pacientes, o interesse em participar da atividade proposta e, com o aumento da interação social, os pacientes ficaram mais próximos fisicamente uns dos outros, conversavam entre si e partilhavam regras para melhorar o andamento do jogo (COSTA JUNIOR; COUTINHO; FERREIRA, 2006).

Verificou-se que as crianças em idade pré-escolar dependiam, em geral, do envolvimento do familiar para participarem das atividades e mudavam frequentemente de atividade, apresentando comportamentos tipicamente exploratórios. As crianças em idade escolar participaram das atividades sem grande necessidade de monitoramento. Esse tipo de comportamento também foi apresentado no estudo de Fernandes e Elali (2008), no qual o fator faixa etária influenciou a ocorrência e a qualidade da interação social desenvolvida entre parceiros. Os adolescentes, portanto, permaneceram mais tempo fora da sala de espera e participaram menos frequentemente das atividades por apresentarem menos interesse, o que pode

estar relacionado à maior disponibilidade de brinquedos direcionados para crianças em idade escolar.

Considerando o brinquedo em ambiente hospitalar como um meio de trocar experiências e manter a interação entre os indivíduos, pode-se dizer que o programa de recreação planejada além de estimular expressão emocional, comunicação, interesse e iniciativa, contribui significativamente para o aumento de interação social, além do aumento de informações sobre tratamento e doença por meio de jogos.

O estudo realizado por Pinto e Góes (2006) tem como característica em comum com os estudos de Talocka e Brollo (2010) e Terzis (2005), a faixa etária da população estudada, que incluiu crianças entre quatro e seis anos. Porém buscou investigar relações entre a mediação de outros - adultos e parceiros - e as ações imaginativas da criança com deficiência mental, em termos da capacidade de transcender o campo perceptual imediato e compor sequencias de faz de conta. Por meio da brincadeira, em especial na modalidade faz-de-conta, a criança desprende-se do campo perceptual, age com relativa independência do que vê, utiliza um objeto como se fosse outro e torna possível a existência de objetos e situações que não estão presentes no seu ambiente concreto (PINTO; GÓES, 2006).

No início, o grupo de sujeitos mostrou uma grande limitação para o estabelecimento espontâneo de compartilhamento de ações entre parceiros, que quase não se engajavam em diálogos e mostravam pouca receptividade para aceitar a realizar atividades com outros. Contudo, durante o trabalho, várias manifestações de elaboração imaginativa emergiram. Esse tipo de comportamento apresentado no início dos grupos, também foi identificado nos estudos de Talocka e Brollo (2010), Freire e Santana (2007) e Terzis (2005).

Pinto e Góes (2006) notaram que várias crianças começavam brincadeiras solitárias, realizando sequências imaginativas restritas, com poucas ações. Para desdobras e ampliar os acontecimentos encenados, dependiam da entrada de um adulto que também encorajava a criança a fazer ou atender convites de brincadeiras em parceria e para ampliar os diálogos quando a brincadeira já estava estabelecida. Apesar de o grupo apresentar desenvolvimento muito comprometido, quando ocorria a interação de outros membros do grupo ou de mediadores, ocorria claramente o refinamento das capacidades de imaginar, criar situações fictícias e organizar brincadeiras (PINTO; GÓES, 2006).

O estudo de Pinto e Góes (2006) aponta que quando as crianças com deficiência mental entre quatro e seis anos, são deixadas com seus próprios recursos, elas apresentam grande dificuldade e pouca disposição para participar de brincadeiras coletivas e dialogar com outras crianças. Portanto, quando ocorre a mediação dentro do grupo, elas podem participar de situações imaginárias relativamente complexas, favorecendo também a interação com outras crianças.

Outro estudo com a participação de crianças com deficiência mental foi realizado por Caldeira e Oliver (2007), o qual também apresenta situações em que a mediação de um adulto foi importante para que ocorresse interação entre as crianças com deficiência e sem deficiência. As atitudes, valores e ações dos adultos serviram como referência para as crianças e tornou um elemento significativo na interação social. Nesse estudo, as crianças iniciam brincando próximas, mas sem influenciar a brincadeira do outro, ou seja, o brincar paralelo, depois, ocorreu o brincar assimétrico, onde as crianças brincavam separadamente, mas aconteciam as tentativas de estabelecer contato entre elas.

Segundo Caldeira e Oliver (2007), as interações de passagem, onde são verificados momentos significativos de interação, porém sem permanência de um dos participantes no local após terminar a brincadeira, mostraram otimizar mais as interações agonísticas, com ações de agressão entre duas ou mais crianças. Porém as brincadeiras paralelas propiciaram situações de amizade, cumplicidade e confiança. Quando as brincadeiras eram escolhidas pelas próprias crianças ocorria maior interação. As crianças que desejavam e queriam brincar, seja com ou sem deficiência, tentavam estabelecer interações e relações com outras crianças e buscavam parceiros para suas brincadeiras.

Souza e Mitre (2009) realizaram o estudo com objetivo de investigar o papel do brincar durante a hospitalização de crianças com paralisia cerebral. As anteriores verificaram que nem sempre o brincar acontecia de forma espontânea e como nos estudos realizados por Pinto e Góes (2006) e Caldeira e Oliver (2007), o mediador era o caminho mais adequado para se aproximar e construir vínculo com as crianças, o que facilitou a interação entre o pesquisador, a criança e o acompanhante. A dificuldade de interagir com outras crianças foi devido a pouca possibilidade de deslocamentos do próprio leito. Para Souza e Mitre (2009), acontecia interação social se a criança apresentasse alguma forma de funcionalidade, intencionalidade e meios de comunicação capazes de possibilitar o processo de interação.

Semelhante ao estudo realizado por Terzis (2005), o brincar foi considerado uma forma

alternativa de comunicação. A linguagem estabelecida entre a criança e o mediador, era uma linguagem lúdica. Os fatores que influenciaram para que ocorresse a interação nesse estudo, foram decorrentes dos comprometimentos motores e da própria condição da paralisia cerebral, mas que de alguma forma, foram superadas ou re-significadas pelo brincar. De acordo com o estudo realizado por Souza e Batista (2008), a observação constante do brincar, com um olhar atento às potencialidades da criança, permitiu evidenciar importantes indícios de desenvolvimento. A situação naturalística de brincadeira em grupo revelou-se um espaço favorável para que crianças com alterações no desenvolvimento estabelecessem e sustentassem diferentes modalidades de interação.

Devido ao pouco número de estudos publicados que abordam o tema contribuição do brincar nas interações sociais entre crianças ocorreu uma dificuldade em encontrar um maior número de resultados.

Nos estudos analisados nessa revisão de literatura, as características da amostra variaram bastante. A faixa etária dos participantes variou de um a 15 anos de idade, sendo a maior variação observada no estudo de Caldeira e Oliver (2007), que inclui crianças de seis a 15 anos. Dos nove estudos, dois estudaram crianças que apresentavam deficiência mental, um estudou crianças com paralisia cerebral e sete estudaram crianças típicas. O método de coleta de dados mais frequente foi o de observação livre. O número da amostra variou de sete a 91 crianças, sendo o maior número de participantes identificado no estudo de Costa Junior, Coutinho e Ferreira (2006).

Portanto, os trabalhos encontrados sugerem que o brincar contribui para a promoção da interação entre crianças, apesar de alguns estudos indicarem que fatores como gênero, faixa etária, ambiente ou até mesmo condições físicas e mentais das crianças interferirem no tipo de interação social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a revisão bibliográfica sobre as contribuições do brincar nas interações sociais da criança foi possível perceber que o brincar está relacionado também com a fase do desenvolvimento humano e é por meio do brincar que as crianças se aproximam e interagem entre si. Durante as situações de brincadeiras as crianças começam a compreender o mundo que as cerca e a compreender os outros. As atividades de faz-de-conta fazem com que elas entrem em contato com a realidade e por meio de vivências vão se conhecendo, aprendendo regras, adquirindo princípios e respeitando outras crianças.

Observou-se que em todos os estudos o brincar é utilizado como mediador para as interações sociais, as brincadeiras de modo geral favoreceram as relações de amizade. Na maioria dos estudos as interações através do brincar iniciavam de forma solitária e aos poucos as crianças foram se aproximando, trocando brinquedos e conversando entre si.

Verificou-se também a existência de fatores que podem influenciar o brincar e a interação entre as crianças, entre eles, o ambiente, a idade e o gênero. Outro fator observado foi a necessidade do mediador, em alguns estudos, para que ocorra a interação entre as crianças, principalmente quando existe algum tipo de deficiência. Foi possível perceber que na maioria dos estudos, as crianças menores apresentam tendência de brincar mais sozinhas ao contrário das crianças maiores que procuram brincadeiras mais complexas e coletivas.

Devido ao critério de exclusão utilizado, foram encontradas poucas publicações em português que buscavam comprovar as contribuições do brincar nas interações sociais entre crianças, o que sugere a necessidade de ampliação dos estudos com este tema utilizando como amostra crianças brasileiras.

Portanto o brincar é essencial para o desenvolvimento infantil, além de favorecer a interação social, é um meio utilizado pelas crianças para se comunicarem, expressarem desejos, sentimentos e vontades, e é através do brincar que se inicia o contato com o mundo real.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete.; Wajskop, Gisela. **Creches:** atividades para crianças de zero a seis anos. São Paulo: Moderna, 1995.

American Occupational Therapy Association (AOTA). The Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process, 2nd Edition (Framework - II). *The American Journal of Occupational Therapy (AJOT)*, v.62, n.6, nov-dez 2008, p.625-683.

CALDEIRA, Vanessa A.; OLIVER, Fátima C.. A criança com deficiência e as relações interpessoais numa brinquedoteca comunitária. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo, v. 17, n. 2, ago. 2007, p. 98-110.

CAMPOS, Herculano Ricardo; FRANCISCHINI, Rosângela. Child productive labor and development. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 8, n. 1, jun. 2003, p. 119-129.

CARVALHO, Ana Maria A.; BERALDO, Katharina E. Arnold. Interação criança-criança: ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas. *Cad. Pesq.*, São Paulo, nov. 1989, p. 55-61.

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007, p. 92-104.

COSTA JUNIOR, Áderson Luiz; COUTINHO, Sílvia Maria Gonçalves; FERREIRA, Rejane Soares. Recreação planejada em sala de espera de uma unidade pediátrica: efeitos comportamentais. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 33, abr. 2006, p. 111-118.

DOMINGUES, Angela Ferreira; MOTTI, Telma Flores Genaro; PALAMIN, Maria Estela Guadagnucci. O brincar e as habilidades sociais na interação da criança com deficiência auditiva e mãe ouvinte. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 25, n. 1, mar. 2008, p. 37-44.

FERLAND, Francine. **O modelo lúdico:** o brincar, a criança com deficiência física e a terapia ocupacional. São Paulo: ROCA, 2006.

FERNANDES, Odara de Sá; ELALI, Gleice Azambuja. Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: o que aprendemos observando as atividades das crianças. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 39, 2008, p. 41-52.

FREIRE, J., SANTANA, G.. Relações sociais no desenvolvimento da imaginação por meio de jogos. **Motriz. Revista de Educação Física. UNESP**, 13, jul. 2008, p. 249-258.

GUIMARAES, A. E. O., PEREIRA, E. C., EMMEL, M. L. G. A brincadeira Simbolica nas situações lúdicas de crianças portadoras de necessidades especiais e crianças normais. **Temas sobre Desenvolvimento**, vol. 11, n.62, 2002, p.5-13.

JUNQUEIRA, Maria de Fátima Pinheiro da Silva. A mãe, seu filho hospitalizado e o brincar: um relato de experiência. **Estud. psicol.** v. 8, n. 1, abr. 2003, p. 193-197.

LORDELO, Eulina da Rocha; CARVALHO, Ana Maria Almeida. Padrões de parceria social e brincadeira em ambientes de creches. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 11, n. 1, abr. 2006, p. 99-108.

MAIA, R. Estimulação Precoce. **Caderno Científico**, Associação Pestalozzi de Niterói. N.001,1996.

MARTINS, Edna; SZYMANSKI, Heloisa. Brincadeira e práticas educativas familiares: um estudo com famílias de baixa renda. **Interações**, São Paulo, v. 11, n. 21, jun. 2006, p. 143-164.

MERIZIO, Lorena Queiroz; ROSSETTI, Claudia Broetto. Brincadeira e Amizade: Um estudo com alemães, brasileiros e libaneses. **Psicol. Argum.** 2008 out./dez., 26 (55), 329-339.

PARTEN, M.;B. Social participation amongpreschool children. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, 27, 243- 269, 1932.

PEDRO, Iara Cristina da Silva et al . O brincar em sala de espera de um ambulatório infantil na perspectiva de crianças e seus acompanhantes. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 2, abr. 2007, p. 111-119.

PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria. A interação Social e a Construção da Brincadeira. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 93, maio. 1995, p. 60-65.

PINTO, Gláucia Uliana; GOES, Maria Cecília Rafael de. Deficiência mental, imaginação e mediação social: um estudo sobre o brincar. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 12, n. 1, abr. 2006, p. 11-18.

SAGER, Fabio et al . Avaliação da interação de crianças em pátios de escolas infantis: uma abordagem da psicologia ambiental. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2003, p. 203-215.

SOUZA, Bianca Lopes de; MITRE, Rosa Maria de Araújo. O brincar na hospitalização de crianças com paralisia cerebral. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 25, n. 2, jun 2009, p. 195-201.

SOUZA, Carolina Molina Lucenti de; BATISTA, Cecília Guarnieri. Interação entre crianças com necessidades especiais em contexto lúdico: possibilidades de desenvolvimento. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, 2008, p. 383-391.

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos; ALVES, José Moysés. O contexto das brincadeiras das crianças ribeirinhas da Ilha do Combu. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, 2008, p.374-382.

TERZIS, Antonios. Grupo de atividades com crianças: processo de humanização. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 22, n. 3, set. 2005, p. 291-299.

TOLOCKA, R., BROLLO, A.. Games and playthings in a child day care center: a bioecological approach. **Brazilian Journal of Kinanthropometry and Human Performance**, North America, 12, jan. 2010, p. 140-147.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1975.